

16/04/2013 - 00:00

Investidor estrangeiro busca habilidade de gestores locais

Por **Silvia Rosa**

(/sites/default/files/gn/13/04/foto16fin-101-gestores-c16.jpg) Há um movimento de investidores estrangeiros querendo conhecer os gestores locais, diz Eduardo Azevedo, da Jardim Botânico, que faz alocações para a Russell

Contratam-se gestores locais. O anúncio fictício não está estampado em nenhum jornal, mas representa um movimento que vem sendo percebido no mercado de gestão de recursos brasileiro. Acostumados a fazer os investimentos para as carteiras de mercados emergentes a partir do exterior, fundos e bancos estrangeiros começam a sentir a necessidade de contratar um gestor local para garimpar as melhores oportunidades no mercado de ações no Brasil, diante de um desempenho fraco do Ibovespa, que acumula queda de 13,13% no ano.

A gestora Claritas Investimentos, por exemplo, acaba de fechar acordo com um banco europeu para gerir os investimentos em ações no Brasil para um fundo global com foco em emergentes de €150 milhões. No ano passado, a gestora Jardim Botânico ganhou mandato para fazer a alocação em papéis brasileiros para o fundo de mercados emergentes da gestora inglesa Russell Investments, que tem US\$ 152 bilhões sob gestão. "Há um movimento de investidores institucionais estrangeiros querendo conhecer mais os gestores locais", diz Eduardo Rocha Rezende, gestor da Jardim Botânico.

Os estrangeiros estão interessados no conhecimento desses gestores sobre o mercado local, que permite "garimpar" opções que muitas vezes passam despercebidas pelas casas globais, mais acostumadas a comprar papéis de maior liquidez.

No ano passado, boa parte das empresas que compõem o Ibovespa teve fraco desempenho. Além do cenário menos favorável para commodities, houve medidas do governo que afetaram negativamente alguns setores, como o de energia elétrica. Tal percepção fez com que os investidores acabassem fugindo para as ações conhecidas do setor de consumo, encarecendo certos papéis. "As oportunidades, muita vezes, estão em empresas que não são tão conhecidas lá fora ou simplesmente os investidores estrangeiros não têm acesso ao mesmo nível de informações oferecido pelas grandes 'blue chips'", afirma Walter Maciel, sócio da Quest Investimentos.

Os gestores estrangeiros perceberam que, apesar da queda do Ibovespa, muitos fundos de ações brasileiros conseguiram apresentar um bom desempenho.

A boa performance do fundo de ações Quest Top, que apresentou ganho de 48,03% no ano passado enquanto o Ibovespa subiu 7,4%, ajudou a Quest a conseguir neste ano o mandato para gerir uma carteira exclusiva de ações brasileiras para um banco no Chile. "É uma carteira que deve começar com um patrimônio entre US\$ 10 milhões e US\$ 50 milhões", conta Maciel.

A gestora já faz a gestão de uma carteira de ações para um banco sueco, o Nordea, que soma US\$ 20 milhões. "Temos um conhecimento mais profundo sobre as empresas brasileiras e a dinâmica do mercado local", afirma Maciel.

A Claritas também fechou neste ano um acordo para fazer a alocação em ações brasileiras para uma carteira que será lançada pela gestora americana Principal, com foco em América Latina. Neste caso, a lógica é um pouco distinta. A Principal se associou à Claritas no ano passado, após comprar uma participação de 60% na gestora brasileira.

Já a carteira de ações gerida pela Claritas para um banco europeu faz parte de um fundo com foco em mercado emergentes que contempla dez regiões. "Foram selecionados gestores locais para fazer a alocação em cada um desses mercados", afirma Marcelo Karvelis, sócio responsável pelo relacionamento com investidores da casa. O Brasil representa 12,6% da carteira, que soma € 150 milhões.

A gestão da Claritas para ambas carteiras segue a estratégia focada em valor adotada nos fundos de ações da gestora. O mesmo ocorre na Jardim Botânico, na gestão do portfólio para a Russell. "Não temos limitação de tamanho de empresas em que podemos alocar, mas seguimos alguns filtros nossos que levam em conta a boa governança da empresa e a negociação média diária das ações de pelos menos R\$ 1 milhão", afirma Rezende, da Jardim Botânico.

O fundo voltado para mercados emergentes da Russell, o Emerging Markets Extended Opportunities Fund, tem US\$ 450 milhões de patrimônio. A Jardim Botânico ganhou ainda mandato para fazer a alocações em ações no Brasil para um fundo da gestora francesa Sycomore, que tem € 2 bilhões sob gestão.

A Sycomore optou por criar um portfólio, o UIS Synergy Emerging Markets, que investe em fundos exclusivos geridos por gestores locais em quatro regiões: Ásia, Índia, Leste Europeu e Brasil.

Desde o lançamento, em fevereiro de 2011, até março deste ano, a carteira exclusiva de ações brasileiras gerida pela Jardim Botânico para a Sycomore acumula ganho de 6,1% em euros, enquanto o Ibovespa cai 26,1% no período na mesma moeda. "Muitas vezes, os estrangeiros não olham a dinâmica particular de cada país e focam apenas nos múltiplos, o que pode ser perigoso. Nós olhamos empresa por empresa", afirma Rezende.

O BTG Pactual também detectou um aumento da demanda para a gestão de carteiras exclusivas para institucionais estrangeiros, tanto na renda fixa quanto na variável. O BTG já faz a gestão de um fundo exclusivo de US\$ 40 milhões, que investe em bônus de empresas da América Latina, para uma gestora de fortunas canadense.

Em renda variável, o BTG tem US\$ 250 milhões sob gestão em carteiras de ações brasileiras exclusivas de investidores institucionais da Europa e do Oriente Médio, que incluem fundos de pensão, soberanos e instituições financeiras. "Temos visto maior demanda por fundos de ações exclusivos não indexados a índices", afirma João Scandiuzzi, estrategista-chefe da asset do BTG.

Já os investidores institucionais da América Latina preferem aplicar em fundos mútuos em vez de ter uma carteira exclusiva com foco em Brasil. "Temos US\$ 150 milhões em fundos de ações de América Latina", afirma Scandiuzzi.